

A CIDADE ONDE OS DEUSES DA ÁFRICA VÊM DANÇAR

Primeiro terreiro nagô do Brasil nasceu em Salvador, onde foi criada a roda dos orixás

Andreia Santana

REPORTAGEM
andrea.santana@redabahia.com.br

No princípio de tudo, não havia separação entre o Céu e a Terra. Até que um mortal tocou o Céu com as mãos sujas e o deus supremo Olorum, enfurecido com a ofensa, apartou o Orum do Aiê. Uma vez isolados, os orixás entristerceram e murcharam. Para amenizar a solidão das divindades, Olorum permitiu que elas visitassem a Terra (Aiê). De tempos em tempos, ao serem chamados por rituais sagrados e pelo som dos atabaques, deuses e deusas vêm dançar com os mortais...

A origem do candomblé é descrita com poesia em um dos mitos contados por Reginaldo Prandi em *Mitologia dos Orixás* (Companhia das Letras, 2019). E uma parte dessa história aconteceu aqui em Salvador, nos anos 1800. Na época, a cidade recebeu grandes grupos de africanos escravizados de origem iorubá (nagô), vindos da Nigéria e do Benim (antigo Daomé).

Essas pessoas fundaram o primeiro terreiro Ketu do Brasil, na Barroquinha. Foram elas também que, em um acordo diplomático entre africanos de etnias diferentes, criaram o xirê, a roda onde filhas de santo incorporam orixás e dançam nas cerimônias públicas do candomblé.

O xirê é a Organização das Nações Unidas (ONU) dos deuses. Na roda, bailam divindades de Oiô, Ketu, Ijexá... Reúnem-se em resistência às estratégias dos senhores de engenho, que para evitar revoltas, separavam famílias e misturavam afri-



GLOSSÁRIO NAGÔ

Aiê Terra, o mundo humano

Axé Força mística dos orixás e que transforma o mundo

Axexê Rito fúnebre após a morte de alguém 'de santo'

Babalão 'Pai do Segredo', sacerdote de Ifá, o oráculo

Babalorixá Pai de Santo

Ebó Oferenda aos orixás

Egum Antepassados mortos

Euó Interdição, tabu, quizila

Iaô Filha de Santo

Ialorixá Mãe de Santo

Ori Cabeça, destino da pessoa

Orum Céu, mundo dos orixás

Vodum Divindade do panteão jeje; alguns foram incorporados ao panteão iorubá como orixás (Ex: Nanã Buruku)

Xirê Brincar; roda cerimonial onde dançam os orixás

Fonte: Reginaldo Prandi; *Mitologia dos Orixás*

canos de etnias diferentes.

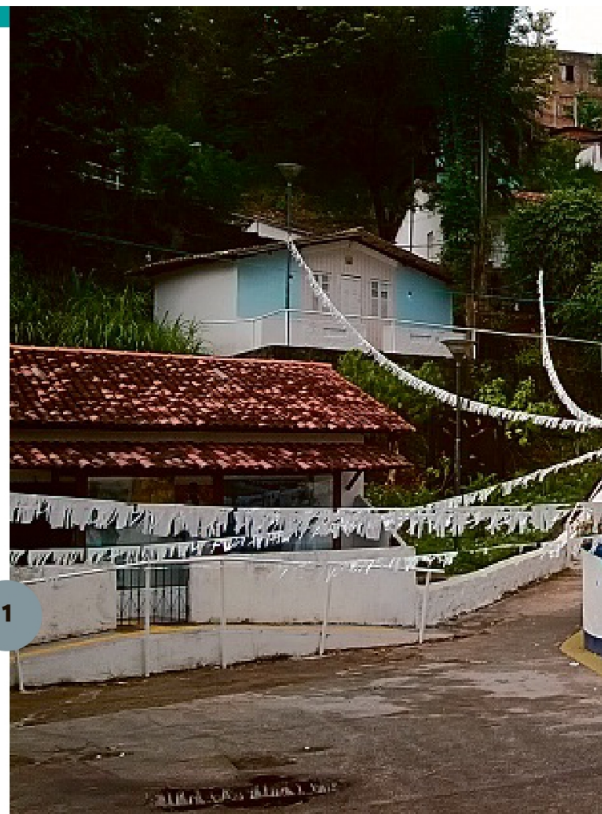
Séculos após a chegada dos nagôs a Salvador e da invenção do xirê na Barroquinha, adeptos dessa religião de matriz africana ainda enfrentam desafios para manter o sagrado em um mundo globalizado e cada vez mais tecnológico. Resistir a partir da união das diferenças ainda é a norma herdada desde a primeira roda ritual. Como diz Richelmy Imbiriba, mestre em estudos culturais pelo Centro de Estudos Afro-Orientais (Ufba), "embora o candomblé seja religião familiar e de ancestralidade, é preciso dialogar com o mundo que evoluiu".

Léo Elemaxô, da Casa Branca (Ilê Axé Iyá Nassô Oká), o terreiro ancestral nascido na Barroquinha, completa: "não tem competição [entre o candomblé e a modernidade], tem estratégias para manter nosso sagrado e, ao mesmo tempo, atender esse mundo atual".

ELITE DE COR

Não há como afirmar que o candomblé nasceu na Bahia e sim, que foi criado no Brasil. O culto aos deuses da África já existia há milênios do outro lado do Atlântico. Mas, foi nas bandas de cá que a religião surgiu a partir da diáspora africana - imigração forçada pela escravização. O que é possível dizer é que a Casa Branca é o primeiro terreiro ketu do país e que foram os nagôs de Salvador que estabeleceram as bases que diferenciaram as devoções daqui, daquelas africanas.

"O processo de formação do candomblé consolidado na Bahia foi muito forte a partir das últimas levas de escravizados do Benim e da Nigéria que chegaram a Salvador já no final do tráfico", lembra



EVANDRO VEIGA/ARQUIVO CORREIO



SORA MAIA/ARQUIVO CORREIO



1 Casa Branca O Terreiro Ilê Axé Iyá Nassô Oká foi o primeiro nagô (de nação ketu) do Brasil, criado por três sacerdotizas africanas **2 Gantois** O Ilê Iyá Omin Axé Iyá Massé foi fundado em 1849 por uma filha de santo que saiu da Casa Branca **3 São Gonçalo** Já o Ilê Axé Opô Afonjá é o caçula dos grandes terreiros nagô, de 1910

DADÁ JAQUES/DIVULGAÇÃO



Olhares acadêmicos e artísticos sobre os terreiros

Na biografia Tom Zé, O Último Tropicalista (Edições Sesc, 2020), o autor Pietro Scaramuzzo relembra o encontro do baiano com David Byrne e cita o documentário Ilê Aiyê - The House of Life, produzido por Byrne em 1988, sobre o candomblé da Bahia. Nas estantes do norte-americano, diz Scaramuzzo, figuram Roger Bastide e Pierre Verger. Os dois franceses, o primeiro sociólogo e o segundo etnólogo, são referências no estudo da religião dos orixás.

Assim como Byrne desembarcou em Salvador para filmar seu documentário - cujo título ele grafa com acento agudo, embora ilê aiyê, em iorubá, leve o circunflexo -, Roger Bastide e Pierre Verger visitaram terreiros e entrevistaram babalaôs, babalorixás e ialorixás.

Mas, a história do interesse acadêmico no candomblé começa bem antes dos franceses e do americano. É o próprio Bastide quem conta, no livro O Candomblé da Bahia, de 1961. Segundo ele, os primeiros estudos iniciam ainda em 1896, com o médico Nina Rodrigues, que apesar da visão elitista e racista sobre o candomblé, como critica Bastide, tem o mérito de ser um dos primeiros a ouvir os africanos sobreviventes à escravização, que criaram os grandes terreiros.

Os dados de Nina Rodrigues foram, em parte, coletados no terreiro do Gantois e na memória de Martiniano Eliseu do Bonfim (Ojêladê). Considerado o último babalaô do Brasil, Martiniano era ligado aos candomblés tradicionais e foi quem ajudou Mãe Aninha a recriar em Salvador a corte dos 12 obás de Xangô, os ministros do alafim (rei) de Oió, no Ilê Axé Opô Afonjá. Ojêladê era filho de africanos e viveu em Lagos, na Nigéria.

A partir de Nina Rodrigues, outros pesquisadores estudaram o culto aos orixás: o alagoano Arthur Ramos e os baianos Manoel Querino, nos anos 1910/20, e Edson Carneiro, na década de 1930; Ruth Landes e Melville Herskovits (EUA); além dos citados Verger e Bastide.

“Esse interesse começa a mudar a visão sobre o candomblé. Começa uma luta, por parte de uma elite acadêmica, para se olhar o candomblé de outra forma. É o nascimento de um processo de reconhecimento”, explica Richelmy Imbiriba, mestre pelo Ceao/Ufba e babalorixá do Ilê Asê Ojisê Olodumare, em Barra de Pojuca.

DATAS ESSENCIAIS

● **Século XIX** Na etapa final da escravização africana, chegam à Bahia iorubás da Nigéria e parte do Benim. Encontram aqui outras etnias de origem banto (Angola) que já mantinham células de culto. Os iorubás organizam os candomblés como são atualmente;

● **Anos 1910/20** Embora sempre tivesse sofrido preconceito, no pós-abolição e virada para o século XX, com o Brasil em busca de embranquecimento e apagamento da herança africana, o candomblé - considerado, na época, uma contravenção - enfrenta mais perseguições. Ocorrem invasões de terreiros e prisões;

● **Anos 1930/40** Nina Rodrigues começou a estudar os candomblés no final do século XIX, mas nos anos 1930/40 ocorre grande interesse de historiadores, etnólogos e antropólogos como Pierre Verger, Ruth Landes, Melville Herskovits, Roger Bastide e Edson Carneiro. Em 1936, Mãe Aninha, fundadora do Ilê Axé Opô Afonjá, viaja ao Rio de Janeiro e exige a liberdade de culto para Getúlio Vargas;

● **Anos 1950/60** Graças aos estudos das décadas anteriores, uma elite acadêmica se interessa em reconhecer a cultura africana - e o candomblé - como parte da formação histórica e cultural do Brasil. Mesmo que ainda sofra preconceito, busca-se dissociar a religião do racismo que inferioriza e estereotipa a filosofia e a cosmologia africanas;

● **Anos 1970** O movimento negro tem grande papel na busca pelos origens africanos do candomblé e da cultura afrodescendente brasileira;

● **Anos 1980** Terreiros que praticam cultos considerados puros se unem para desmistificar o sincretismo. Mãe Stella de Oxóssi, que desde 1976 comandava o Afonjá, publica o artigo Santa Bárbara Não é Iansã, no Jornal da Bahia;

● **2000** Com o crescimento dos neopentecostais, o candomblé sofre nova onda de intolerância. Mãe Gilda, do Axé Abassá de Ogum, morre de problemas cardíacos agravados pelas perseguições;

● **2007** É sancionada a lei que cria o Dia Nacional de Combate à Intolerância Religiosa, em 21 de janeiro, em alusão à morte de Mãe Gilda. No Brasil, a cada 15 horas, um praticante de religião de matriz africana sofre violência motivada por ódio religioso e racismo, segundo dado de 2019 do Ministério da Mulher e Direitos Humanos. Filhos e filhas de santo resistem e mantêm a luta pelo direito de professar sua fé com liberdade de culto e respeito. Fonte: Richelmy Imbiriba - Mestre pelo Ceao/Ufba

Richelmy Imbiriba.

Essa “nagotização” do culto é explicada pelo status que os iorubás adquiriram no Salvador no século XIX. No artigo Marcelina da Silva e Seu Mundo: Novos Dados Para uma Historiografia do Candomblé Ketu - sobre Obatosi, ialorixá da Casa Branca -, a doutora pela Ufba Lisa Earl Castillo e o professor de antropologia Luis Nicalau Parés explicam que no final dos anos 1800 uma elite de africanos, muitos ex-escravizados libertos que prosperavam no comércio, enviavam os filhos crioulos nascidos no Brasil para estudar na África, em Lagos, na Nigéria.

Esses africanos ricos, que após comprarem suas alforrias conseguiam passaportes para viajar à África, também integravam irmandades religiosas católicas que encobriam as atividades no candomblé. O próprio terreiro da Barroquinha surgiu entre 1830/35, atrás de uma igreja.

Três africanas fundaram essa casa: Iyá Nassô, Iyá Adetá e Iyá Akalá. Elas tiveram a colaboração do nagô liberto Rodolfo Martins de Andrade (Bamboxê Obitikô), um dos personagens mais citados da história do povo de santo.

Léo Elemaxô conta que o terreiro de Iyá Nassô se mudou da Barroquinha devido a perseguições. Expulsos do centro, as iás plantaram seus axés [os fundamentos do orixá] em região de difícil acesso, na atual Vasco da Gama.

Da Casa Branca derivam outros dois candomblés ketus, Gantois (Ilê Iyá Omin Axé Iyámassê), fundado em 1849, na Federação, por Maria Júlia da Conceição Nazaré; e o Ilê Axé Opô Afonjá, criado por Eugênia Anna dos Santos (Mãe Aninha), em 1910, em

São Gonçalo do Retiro. As duas eram filhas de santo da Casa Branca. Apesar de ter saído da matriz, Aninha definiu o terreiro de Iyá Nassô como “supremacia espiritual dos candomblés da Bahia”.

TEMPOS PÓS-MODERNOS

Os terreiros estão fechados e com atividades restritas ao culto privado, por conta da pandemia. Esse, porém, não é o maior desafio dos seguidores da fé nos orixás.

Leonel Monteiro, presidente da Associação Brasileira de Preservação da Cultura Afro-Ameríndia, lembra que os terreiros são ‘quilombos urbanos’. “São pontos de resistência, preservação da cultura e ancestralidade, locais onde saberes, línguas, rituais, mitos, culinária são passados entre gerações”.

Intolerância religiosa, racismo, destruição ambiental, questões de gênero e a vida cotidiana exigem resiliência dos adeptos, acrescenta Richelmy. Até no ritual é preciso adaptação, diz. “Antigamente, para fazer santo, se passava um ano na roça, a pessoa largava a vida civil. Hoje, tem só um mês de férias e isso precisa ser adaptado. A gente tenta manter nossas tradições, mas dialogando com as necessidades atuais”.

Léo Elemaxô reforça que os terreiros são espaços da tradição, mas não descarta a evolução ao afirmar que “a importância da Casa Branca e outras casas é manter o sagrado e reafirmar valores culturais e religiosos. É preciso atender o mundo onde vivemos sem expor o nosso sagrado, com cuidado sobre o que pode ser dito, cantado em público. O sagrado continua sendo o segredo, que só importa a quem é religioso”.

DADÁ JAQUES/DIVULGAÇÃO



Mãe Neuza Cruz, filha de Xangô, é a nova ialorixá da Casa Branca

ALMIRO LOPES/ARQUIVO CORREIO



Mãe Carmen de Oxalá comanda o terreiro do Gantois desde 2002

SORA MAIA/ARQUIVO CORREIO



Mãe Ana de Xangô assumiu o Opô Afonjá em 2019